

# A FORÇA DA MULHER NEGRA NO BRASIL

Luma Karyne Tavares de Sena<sup>1</sup>

**Resumo:** Em séculos passados a mulher negra teve ascensão na sociedade brasileira. A mulher anteriormente não era sujeito de direitos e diante da lei. A mulher negra sofreu e ainda sofre muito preconceito na sociedade, antigamente eram “usadas” para cuidar da casa e dos filhos dos senhores, com o passar dos anos as negras ainda -infelizmente- são tratadas com inferioridade. Isso causou cicatrizes dolorosas que perpetuam na sociedade, alguns homens carregam a ideia de que precisam se vangloriar pelo fato de ficar com uma mulher negra e este fato fazem elas se sentirem humilhadas e desenvolverem o sentimento de solidão. Trago como objetivo mostrar a mulher negra na sociedade, apresentar seus grandes nomes, como o feminismo é importante e tentando desmistificar tais pensamentos machistas. Fazendo uso de artigos, livros, pesquisas e nomes da área.

**Palavras-chave:** mulher negra, sociedade, brasileira.

**Résumé :** Au cours des siècles passés, la femme noire a connu un essor considérable dans la société brésilienne. La femme n'était auparavant pas soumise aux droits et devant la loi. La femme noire a souffert et souffre encore beaucoup de préjugés dans la société. Auparavant, elle était "utilisée" pour s'occuper de la maison et les enfants des maîtres, au fil des ans, les Noirs sont toujours - malheureusement, traités avec infériorité. Cela a provoqué des cicatrices douloureuses qui se perpétuent dans la société. Certains hommes ont l'idée de devoir se vanter d'être avec une femme noire et cela les fait se sentir humiliés et développer le sentiment de solitude. Je souhaite montrer à la femme noire dans la société, présenter ses grands noms, l'importance du féminisme et tenter de démystifier de telles pensées machistes. Utilisation d'articles, de livres, d'enquêtes et de noms de domaines.

Mots-clés: femme noire, société, brésilienne.

---

<sup>1</sup>Tema escolhido por inquietude de representar e apresentar a força da mulher negra, que destas ainda se é pouco falado.

## INTRODUÇÃO

Desde a escravidão, as Mulheres Negras mostraram sua força, embora a história ainda, infelizmente, esteja deficitária com relação à História da Mulher Negra. Ainda há muito a ser pesquisado sobre gênero e raça, mas mesmo assim, existem muitos documentos disponíveis, certidões de casamentos, entre outros. As mulheres negras dão exemplo de luta e inteligência para superar as dificuldades através do seu trabalho, porém com a extrema pobreza elas acabaram indo para a prostituição como sua fonte de renda.

Como a autora Márcia de Vargas retrata em seu artigo:” Nesse período, os casamentos, tanto da elite branca como dos africanos, eram baseados nas condições socioeconômicas, nas quais os pares buscavam melhorar sua situação financeira. No caso dos grupos mais pobres, havia os “dotes” pessoais; um exemplo disso, são as quitadeiras que despertavam o interesse dos pretendentes.” (2016, p.04), com isto é possível perceber que as mulheres negras não tinham o poder de escolha que os casamentos e que tinham interesses financeiros. Ser mulher e negra numa sociedade escravista era muito difícil.

Elas estavam à mercê de todo tipo de violência; tiveram que enfrentar a crueldade da escravidão, a opressão dos homens, não só dos seus senhores, mas também de parceiros violentos. Mesmo procurando outras oportunidades, acabam seguindo o mesmo ramo de trabalho que realizavam quando escravas, pelo fato de não terem estudos e de serem discriminadas pela sociedade. As mulheres negras têm o maior percentual de vitimização, que todos os outros grupos e a violência doméstica também apresentou o maior percentual.

Percebe-se que uma das grandes cicatrizes que perpetuam durante os séculos é a estigmatização e o erotismo do corpo da mulher negra; é preciso pesquisar mais sobre raça e gênero e de como enfrentar a discriminação e a violência que perpetuam até os dias de hoje.

Os estudos servem para desenvolver mais matérias nesta temática e para desmitificar visões que se arrastam por séculos. A metodologia utilizada se insere no campo de pesquisa da história social, cultural e político, fazendo o uso de bibliografias e documentos audiovisuais.

## 1.MULHERES NEGRAS VISTAS DESDE A ESCRAVIDÃO ATÈ OS DIAS ATUAIS

Desde a escravidão onde as mulheres negras sofriam todo tipo de tortura, abusos e humilhações causadas por seus senhores e por parte de seus parceiros também que em parcela eram violentos, porém a mulher negra mostra sua força pela luta e resistência de todos os fatos e conseguem conquistar sua alforria. Porém quando conseguiram conquistar a alforria sobre com a problema da falta de emprego- pois não possuíam estudo- algumas voltavam a trabalhar em fazenda e outras iam para a prostituição para fugirem da pobreza extrema. A obra “O cortiço” de Aluísio Azevedo (1890) retrata um pouco de como era difícil a vida da mulher negra após a escravidão através da personagem Bertoleza que mesmo depois de ter deixado de ser escrava continuava sendo explorada e trabalhando de sol a sol.

Como exposto neste período os casamentos eram baseados nas condições socioeconômicas, nas quais os pares buscavam melhorar sua situação financeira. No caso dos grupos mais pobres, havia os “dotes” pessoais e essas mulheres, muitas vezes, não possuíam o marido “ideal” para aquela época, que lhes garantisse casa, alimentos, roupas. Por este fato muitas ainda continuavam trabalhando após se casarem.

Ser mulher e negra numa sociedade escravista e preconceituosa era e ainda continua – infelizmente- sendo muito difícil. Elas estavam à mercê de todo tipo de violência; tiveram que enfrentar a crueldade da escravidão, o governo e a opressão dos homens.

Percebe-se que na literatura as mulheres negras também eram diminuídas, pois em várias obras que retratam o período escravocrata as negras são postas como prostituta, amantes e sem valor. Todas essas características foram dadas no século XIX sempre visando inferiorizar o negro e enaltecer o branco. Além disso, buscavam estereotipar as mulher negras e tratarem elas como “objetos” sexuais.

Na contemporaneidade, após meados de 129 anos de “liberdade”, pouco se avançou em políticas públicas para uma conscientização antirracista e de medidas para evitar a exploração trabalhista. Essa cruel exploração, que transfere a renda já insuficiente da trabalhadora para o empresário, diminui os custos do trabalho e aumenta o lucro da elite tirando sua responsabilidade com outros encargos trabalhistas, encontra nas mulheres negras um alvo certo. Entender essas políticas enquanto racistas e classistas é essencial, pois se o capitalismo se alimenta da exploração crescente da força de trabalho, também encontra nas estruturas do racismo e o machismo a mão de obra barata que sustenta seus pilares, condicionando as

mulheres negras a uma realidade de marginalização, retirando qualquer perspectiva de futuro possível. Como dado representativo tem-se dados recentes do IBGE em 2016 demonstram que, de forma não acidental, negros estão muito distantes de uma equidade salarial no mercado de trabalho, ganhando somente 59% em média do rendimento de pessoas brancas.

Na atualidade ganhasse destaque três nomes de mulheres fortes que percorrem e lutam contra o racismo, desigualdade e poder feminino negro, infelizmente nesta luta recentemente perdemos vereadora Marielle Franco como uma forma de quererem silenciar o poder negro –feminino que vinha ganhando voz no meio político.

A vereadora Marielle Franco em 2016, ela foi a quinta candidata mais votada entre os 51 vereadores eleitos no Rio de Janeiro. A sua campanha era voltada a intersecção entre gênero, raça e cidade e a questão da violência policial nas comunidades também era uma de suas pautas desde o início de sua militância. O anseio por representação política feminina, uma das reivindicações levantadas por elas, teria encontrado eco na plataforma de Marielle, que, no exercício de seu mandato, levou adiante pautas feministas: a criação do dia da mulher negra e da visibilidade lésbica no calendário oficial do Rio. Marielle foi assassinada com 13 tiros que atingiram seu veículo, após tamanha barbaria foi criado movimento *Marielle Presente*.

Outro grande nome é a Djamila Ribeiro que é Mestre em filosofia política pela Unifesp e colunista on-line da revista CartaCapital, foi secretária-adjunta da Secretaria de direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. Coordena a Feminismos Plurais, da editora Letramento, pela qual lançou o livro *O que é lugar de fala (2017)*. Ela luta pela representatividade feminino em especial das negras, para ela existe diferença entre o feminismo e o feminismo negro, onde em uma entrevista para o site extra globo fala que:

Era uma maneira de ser didática, de ser acessível, para as pessoas entenderem que quando a gente está falando de feminismo negro, a gente está marcando que são mulheres negras pensando o mundo e uma sociedade sem opressão, um lugar em que a gente possa lutar contra o racismo, o machismo, a questão de classe. Quando a gente fala de mulheres, tem que entender que há diversas mulheres e, a depender das opressões que elas sofrem, elas acabam ficando num lugar mais vulnerável. A realidade de uma mulher que mora no Complexo do Alemão (comunidade da Zona Norte do Rio de Janeiro) não é a mesma de uma que mora na Barra da Tijuca (bairro da Zona Oeste da cidade). Mostrar essa diferença e mostrar o que a gente quer é uma sociedade livre de opressão.

Djamila luta pela conquista de espaço do poder feminino, luta contra o racismo e tenta juntar mulher para unirem foram, correm atrás de seus direitos feminista negro e sempre enaltece a resistência da mulher negra.

Outra mulher fundamental nesta luta é a filósofa Sueli Carneiro, uma das personalidades que tem muito a dizer sobre a vivência da mulher negra brasileira e como o feminismo antirracista do Brasil pode contribuir para as lutas feministas do mundo inteiro. Sueli tornou-se doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP), escritora e ativista do Movimento Feminista e do Movimento Negro do Brasil.

Além de autora de artigos sobre gênero, raça e direitos humanos em publicações nacionais e internacionais, foi de grande importância na defesa dos direitos das cotas raciais. Mobilizada pelas injustiças e a indignações, a vida de Sueli foi marcada pelo desejo de mudar uma realidade brasileira, onde a filósofa fala que: “a história é sempre escrita pelos vencedores, sendo masculina e branca”

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão, a escritora que trouxe a público três narrativas de ficção: *Úrsula*, de 1859, seguramente o primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a América Latina - e primeiro romance abolicionista de autoria feminina da língua portuguesa -, no qual aborda a escravidão a partir do ponto de vista do Outro; *Gupeva*, de 1861, narrativa curta de temática indianista, publicada em capítulos na imprensa local, com várias edições ao longo da década de 1860; e o conto "A escrava", de 1887, texto abolicionista empenhado em se inserir como peça retórica no debate então vivido no país em torno da abolição do regime servil.

Seus textos são marcados por forte inquietação e por uma subjetividade feminina por vezes melancólica diante da realidade oitocentista marcada pelos ditames do patriarcado escravocrata e representada como problema perante a sensibilidade da autora.

Tal artigo busca esclarecer o porquê a mulher negra depois de tantos anos ainda continua sendo marginalizada e estereotipada com raízes da escravidão e mostrar de como o papel da mulher negra é forte e essencial na nossa sociedade, que passa por tempos difíceis e precisa resistir sempre.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que ainda há inúmeros vestígios da escravidão e que o racismo é que predominante no nosso Brasil. Em relações de emprego a cor também é causa de distinção e quando se é mulher negra o desnível salarial é imenso. Porém mesmo com todas estas problemáticas é possível refletir e afirmar que as mulheres negras estão aos poucos conquistando seus espaços nas empresas, política e filosofia. Notória que a mulher negra é um símbolo de resistência e persistência e que nunca baixa a cabeça para os estereótipos que lhe são dados por machistas e preconceituosos e trazendo a temática de que o movimento feminista negro não exclui e sim, inclui mais mulheres.

## REFERENCIAS

1. <https://almapreta.com/editorias/o-quilombo/sueli-carneiro-filosofa-educadora-e-porta-voz-de-uma-geracao> (acesso às 23:10, do dia 30/04/2019)
2. AZEVEDO, Aluisio. **O Cortiço**. Ano de 1890
3. Artigo de Marcia Vargas e Sandro Marlus Wambier, com a temática A HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL: NO ENFRENTAMENTO DA DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA([http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/pr-oduces\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_hist\\_ufpr\\_marciadevargas.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/pr-oduces_pde/2016/2016_artigo_hist_ufpr_marciadevargas.pdf)) (acesso às 12:30, do dia 02/05/2019)
4. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/feminismo-negro-nao-exclui-amplia-diz-djamila-ribeiro/> (acesso às 00:23, do dia 01/05/2019)
5. <https://www.geledes.org.br/djamilas-silmaras-marielles-mulheres-pretas-que-movimentam-as-estruturas-do-mundo/> (acesso às 23:30, do dia 30/04/2019)
6. <https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-gente-luta-por-uma-sociedade-em-que-as-mulheres-possam-ser-consideradas-pessoas/> (acesso às 00:10, do dia 01/05/2019)